

Tempo, Negatividade e Subjetividade em Hegel: Entre a *Lógica* e a *Natureza**

Time, Negativity and Subjectivity in Hegel:
Between Logic and Nature

Danilo Vaz-Curado R. M. Costa
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Miguel Angel Rossi
(Universidade de Buenos Aires, Argentina)

Resumo

O presente artigo procura demonstrar a concepção filosófica de tempo desenvolvida por Hegel e argumentar que o tempo se relaciona diretamente com os conceitos de negatividade e subjetividade. Pretende-se, ao final, demonstrar como os conceitos de tempo, negatividade e subjetividade estão intimamente relacionados.

Palavras-Chave: Tempo, Negatividade. Subjetividade. Epistemologia. Linguagem.

Abstract

This paper seeks to demonstrate Hegel's philosophical conception of time and to argue that time is directly connected to the concepts of negativity and subjectivity. In the end, it is intended to demonstrate how the concepts of time, negativity and subjectivity are deeply connected.

Keywords: Time. Negativity. Subjectivity. Epistemology. Language.

1 Introdução

Como é sabido a conceitualização do tempo, em Hegel, divide-se quanto a sua tematização numa problematização na filosofia da natureza e outra na do espírito, de modo que sua compreensão passa necessariamente pela compreensão dos aspectos do tempo à luz de sua unidade, histórico e natural e os problemas da negatividade e da subjetividade perpassam toda a sua obra.

Esta unidade das configurações da temporalidade em; natural e histórica, permite a Hegel conceber o tempo em duas formas: cosmológica e sócio-psicológica, ou institucional, onde respectivamente coexistem os aspectos contínuos e progressivos [contínuo-descontínuo] da temporalidade, os quais apenas são compreensíveis na sua unidade, a qual pode ser enunciada pela afirmação hegeliana de que *o espírito é o tempo*, entretanto dita afirmação não pode ser separada da negatividade que a constitui e da concepção de subjetividade que lhe é inerente.

Desta feita nosso trabalho se propõe (i) a reconstruir a tematização filosófica do tempo na obra hegeliana de modo a apresentar a sua estruturação, não exclusiva e especificamente onde se poderia procurá-la, em sua filosofia da natureza, mas também na passagem do Ser ao Nada e do Nada ao Ser, ou seja, no início de sua *Ciência da Lógica*, locus para nós das raízes da tão procurada unidade resultante do processo de mediação do tempo com e no outro de Si mesmo, (ii) nosso segundo intento resultará no demonstrar o estabelecimento da relação entre tempo e negatividade, e como dita relação impacta na subjetividade, para ao término poder

demonstrar a atualidade da concepção filosófica do tempo em Hegel.

2 O Tempo

O problema do Tempo suscitou diversas divergências na tradição filosófica, desde Platão em seu *Timeu*, passando por Aristóteles em sua *Metafísica* e sua *Física*, aos neoplatônicos Plotino e Proclo, bem como aos Santos Doutores da Igreja, Agostinho e Tomás de Aquino, entre outros.

Para muitos pensadores o *tempo* sempre suscitou aquela perplexidade inaugural própria do *pathos* filosófico, a qual talvez se agudize em sua forma mais frontal com a afirmação Kantiana presente em sua *estética transcendental* de um tempo irreal, apenas condição de possibilidade.

Seguramente as diferentes asserções acerca do *tempo* na história da filosofia contribuem, mais e mais, para seu enfrentamento e justifiquem a pertinência do presente trabalho, principalmente desde as divergências inaugurais entre o Platão do *Timeu e do Parmênides* sobre; (i) o *tempo* como devir que se realiza pela intrínseca relação que mantém com o espaço [*chôra*] e, (ii) pela delimitação entre *tempo* [*chronos*] possuidor da duração e do movimento e o *eterno*, excluído da flexão temporal [passado-presente-futuro] e do devir.

Não é lugar e não há espaço no presente trabalho para uma rememoração dos *modos de compreensão do tempo* na história da filosofia, contudo, a singela menção do tempo como problema a que se debruçaram os principais pensadores com suas respostas e questionamentos, nos convida a apresentar a tradução

conceitual hegeliana do tempo, a qual esperamos levar a contento.

É um lugar comum entre os exegetas da filosofia hegeliana a apreensão do *tempo* a partir das preleções contidas na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, no livro sobre a Filosofia da Natureza, especialmente nos §§ 257 e seguintes, sem olvidar ou menosprezar as importantes conceitualizações lá postas, as quais certamente se farão notar também no presente texto, nos ateremos mais especificamente em buscar *as raízes do tempo* na própria Lógica hegeliana, mais especificamente no livro do Ser.

Todavia apresentaremos de forma sucinta o tempo tal qual exposto na *Enz* em seu § 257 e seguintes, para ato contínuo buscarmos na Lógica suas fontes e chaves de compreensão.

Hegel afirma ser o tempo esta “[...] quantidade pura [...] o negativo em si mesmo,[...] a *negação da negação*, o negativo que se refere a si” [ad. §257], e enquanto negatividade que a si mesmo se atém, o tempo é (i) *uma pura forma da sensibilidade* [Enz § 258] como em Kant, e é (ii) igual ao *Eu=Eu da autoconsciência pura* [Enz § 258] contra Kant, ou seja; o tempo é simultaneamente *descontínuo* como nas séries temporais - *passado-presente-futuro* -, assim como *contínuo*, onde inexiste qualquer diferença real entre as séries temporais.

Numa linguagem metafórica, o tempo em Hegel é como o *Kronos* que possuindo em si as séries temporais, as devora exatamente por não se determinar em particular e efetivamente por nenhuma delas, suprassumindo-as na digestão do descontínuo no contínuo¹.

¹ Contínuo aqui não no sentido de sucessivo, mas no sentido latino de
 8 • Ágora Filosófica, Recife, v. 19, n. 2, p. 5-24, mai./ago., 2019

É importante ressaltar que esta *concepção de tempo* por Hegel esboçada da unidade no tempo dos momentos seriais e contínuos, se nos permite a metaforização pela figura do tempo enquanto *kronos*, também a esta metáfora não se reduz, pois é exatamente deste constituir-se do tempo enquanto unidimensionalidade do negativo de si mesmo, que o *tempo hegeliano* se aproxima muito mais da noção também grega do tempo enquanto *kairós*, que não possui medida por ser a verdade da *quantidade pura*, pois *é o que é*, ou seja: não foi nem será, ele sempre *é*.

O tempo natural ou serial não o co-participa, pois ele não se determina pela duração ou medida, momentos relativos da efetividade outrora já supramencionados.

E é nesta dúplici negatividade a si mesma do tempo, o qual ora se apresenta enquanto descontinuidade que liga a sucessividade do tempo ao espaço e por isto apreensível segundo as séries temporais - *passado-presente-futuro* - âmbito próprio do relacionar potencial da finitude; e ora se apresenta como a negatividade livre que não está na temporalidade, ou relacionada ao tempo enquanto série causal, mas, enquanto verdadeira negatividade para si livre, ou seja, o tempo como o que *é eterno*.

Nestas passagens, supramencionadas, já se pronuncia a irrealidade do tempo, tal qual proclamada posteriormente a Hegel, por MacTaggard, pois, o tempo verdadeiramente não possui a finitude, os entes em sua

'perpetuum mobile', ou seja, do movimento que não pode ser apreendido pelas atuais leis da termodinâmica ou da mecânica por violar sua lei áurea que designa o movimento como; trabalho aplicado maior ou igual ao Trabalho realizado, ou seja, o tempo movimento, porém é de uma natureza diferente do movimento usualmente conhecido pelas tradicionais leis da física.

natural finitude é que *estão no tempo*, aprisionados. O natural, o vivo, é que se constitui como temporal pela sua finitude intrínseca, já o espírito enquanto verdadeira negatividade *em si e para si* é eterno.

Se ousássemos definir o tempo, diríamos que ele é movimento sem processo. Porém, estamos cientes de que o *Tempo* enquanto universal, possui processualidade ao estágio fenomenal – aqui por nós chamado de **tempo natural** – mediante seu aparecer na forma da lei da duração e da medida do existente no espaço, mas, que ao mesmo modo ele não está nesta processualidade por si engendrada, por isto, Hegel pôde afirmar, em Enz § 258 Zusatz, que o *espírito é o próprio conceito de tempo*.

3 Por que a *Lógica*?

Hegel na Filosofia da Natureza § 259 afirma que *as dimensões do tempo são o vir-a-ser, como tal, da exterioridade e a sua dissolução [do vir-a-ser] nas diferenças do Ser como do passar para o Nada, e do Nada como do passar para o Ser*.

Esta afirmação da estreita relação entre as determinações dimensionais, ou seriais, do tempo e a lógica da transitividade, tal como exposta no Livro do Ser da *Lógica* de Hegel, será nosso ponto de encontro e desenvolvimento daquilo que compreendemos importantíssimo na compreensão do problema filosófico do tempo em Hegel, a saber: *a negatividade*.

A similitude entre o problema do tempo e o dilema presente na transição entre o *Ser e o Nada*, não se reduzem a uma mera correspondência linear entre a *Lógica* e a Filosofia da Natureza, ou, entre o tempo enquanto segunda categoria da filosofia da natureza e a

transitividade como segundo problema categorial a ser *suprassumido* no âmbito Lógico, após a aporia do começo [*Anfang*].

Advertimos que esta aproximação não se estrutura tampouco simplesmente em termos de uma semelhança semântica na apresentação do tempo e da passagem da transitividade Ser-Nada-Ser².

Esta aproximação revela ao contrário uma autoexplicitação [*Selbstdasterllung*] de um mesmo problema – a negatividade – presente em âmbitos distintos, ou seja; postulamos que a negatividade lógica devém como negatividade que se extrusou no reino natural e é a esta *autopoiese*³ que deveremos responder neste trabalho, entre o Lógico e seu vir-a-ser enquanto *tempo*, ser-aí espacial que se expressa na temporalidade, daquilo que Hegel designará num estágio superior de que *o tempo é o espírito*.

Hösle (2007, p. 343) ao ressaltar que os momentos do tempo são a negação e a exterioridade, assevera ainda que de sua natureza decorrem duas peculiaridades: a *anisotropia e a unidimensionalidade*, e que na estrutura do sistema hegeliano o tempo está para o espírito (e a subjetividade) como o espaço para a natureza (e a objetividade).

O alerta de Hösle sobre a relação entre tempo e

² Hegel na filosofia da natureza ao falar do tempo diz que “Ele é o Ser que, enquanto é, não é, e, enquanto não é, é [Enz § 258] e ao tratar da transitividade entre o Ser e o Nada, afirma; “[...] esse puro Ser[...] tomado de modo igualmente imediato, é o nada”. [Enz § 87], e em seguida, “O nada [...] é também inversamente, o mesmo que o Ser” [Enz § 87].

³ Autopoiese é um termo grego que significa *autos* próprio e *poieses* criação, auto-criação. Tal termo designa a capacidade dos sistemas de produzirem-se a si próprios, desde sua capacidade imanente de auto-determinação e auto-organização.

espírito, segundo nossa intenção de desvelamento da negatividade da relação entre a Lógica da transitividade e o tempo, aponta de um lado para a subjetividade e sua constituição negativamente temporalizada e para em um estágio sistemático à relação entre *verdade e história*, tema que infelizmente não poderemos perseguir neste texto. Mas o que é a negatividade no tempo? O tempo é portador daquela destrutividade que o espaço se faz privado, pois, mesmo o ponto – a negação do espaço – ainda é a negatividade do espaço na forma da espacialidade. Contudo, o tempo é esta negatividade que se consume e que se efetiva no totalmente outro de si mesmo, o eterno.

O movimento de negação a si do tempo desenvolve-se num primeiro momento no passar do tempo, enquanto unidade, ao seu dilaceramento nas séries temporais. Deste modo o tempo divide-se, negando-se, em:

(i) *Presente* [*Gegenwart*]: a negatividade do agora, a qual exclui de si tanto a unidade indivisa do tempo, como põe e nega reciprocamente o múltiplo da série que lhe constitui. O presente é este *limite* [*Grenzen*] que inaugura a temporalidade em sentido dúplice; dilacerando-se face a sua negação originante no tempo contínuo e reconduzindo-o a sua unidade mediante sua negação da negação operada ao nível da afirmação do *agora* contra a sucessividade dos estágios da temporalidade.

A afirmação do presente como o *agora* relaciona a simplicidade desta negatividade do algo [*aliquid*] com o outro [*aliud*], e este ato afirmativo imediato do presente é o relacionar-se do tempo com o outro de si mesmo.

O tempo passa numa série de momentos de modo que a unidade temporal permanece. Assim, o passar do tempo em seu outro, nesta imediatidade, é o movimento

do ser ao nada e reciprocamente do nada ao ser, onde o agora do presente – inserido no tempo - é sempre o contrário de si mesmo, ou seja, se suprassume a si mesmo [*sich selbst aufhebt*].

(ii) Neste processo de negatividade do algo [*aliquid*] no outro [*aliud*], o agora nega-se a si mesmo, passando ao seu contrário: o futuro, ao qual se relaciona essencialmente como *devenir*. O futuro é o não-outro ativo, oposto do presente, o qual no seu consumir-se, o institui como o outro de si mesmo [do presente]. Ou, nas palavras de Christoph Bouton (2007, p. 165) “no futuro, a negatividade do tempo se volta contra si mesmo e nega sua própria origem, o presente”.

Esta negatividade do futuro face ao presente revela a natureza intrínseca da unidade do tempo, o futuro verdadeiramente não exclui o presente, ao contrário, o futuro contém nele mesmo o presente. O presente ao mesmo momento que é negado pelo futuro, eclode dele! Aqui revela-se esta negatividade maravilhosa do tempo, pois o futuro nega o presente excluindo-o em sua imediatidade, ao mesmo tempo que no próprio curso temporal, verdadeiramente a negação do presente pelo futuro, é a reposição do presente operada, posta, pelo futuro.

No futuro a negação do presente é a sua afirmação, pois o que é negado é restituído pela sua própria negatividade, e esta inseparabilidade do futuro e do presente expõe o primeiro momento da negatividade das séries temporais. O futuro e o presente, verdadeiramente inexistem, o efetivo é o relacionar-se dos dois, um com o outro e um no outro.

(iii) Se o futuro ao negar o presente o restitui, esta primeira negatividade ao negar-se afirmando o eclodir do

presente como a verdade do futuro, promove imediatamente a passagem do futuro ao passado. Este processo de negação de si, oriundo do movimento de passagem do futuro em substituição do presente produz o passado.

Hegel afirma esta dialética do tempo, desta forma: o passado é, portanto, a negação da negação do agora. Enquanto que a negação da negação é ela mesma afirmação, a negação da negação do agora é a afirmação do agora. O passado, o outro imediato do futuro como negação da negação do agora.

O passado possui uma função dúplice; pelo recurso da rememoração, subjetivamente põe a centralidade da consciência e por unificar a relação entre a finitude e o espaço, põe a objetividade. A partir do passado também é possível compreender a dúplice estrutura do presente. O presente como agora₁, presente abstrato e imediato, que não passa no seu outro, e o agora₂ como eterno movimento de engendrar-se do presente pela mediação do futuro.

O presente concreto ou o agora₂ é a relação negativa a si-mesmo do presente no futuro, onde ambos são negados, conservados e reduzido/elevados a uma unidade subsistente.

Christophe Bouton [2007, p. 166] afirma que o passado possui os três sentidos da *Aufhebung* hegeliana, sendo negação, conservação e elevação do agora ao presente. Este movimento do passado de *posicionar* no presente, permite-nos também compreender que o *tempo real* é a totalidade especulativa dos momentos do agora, do porvir e do passado, os quais se mantém pelo jogo de

tensão das relações do presente-passado⁴ e do passado do presente⁵.

Neste jogo dialético dos modos do passado preserva-se a temporalidade serial, o passado como pretérito-perfeito e a continuidade temporal do “agora”, o pretérito-imperfeito⁶.

Em conclusão, temos que tanto o futuro como o passado possuem como elemento mediador e doador de sua efetividade o presente, não no sentido imediato e abstrato do agora [*Jetzt*], mas no sentido filosófico do agora presentificado - *Gegenwart*.

Observa-se como a *negatividade* opera de modo incessante na determinação do tempo em seu modo serial, sendo o próprio tempo a negatividade. Esta negatividade do tempo o põe como tempo serial negando o próprio caráter de totalidade da temporalidade, nesta tensão entre totalidade e negatividade, o tempo é a unidade que passa em seus opostos, ou em termos da lógica do Ser; o *ser e o nada*.

Neste jogo de passagem dos opostos, o tempo inaugura a figura do mau-infinito, ou, em outros termos, do presente que continuamente se esvai no passado e do passado que continuamente devora o futuro numa processualidade totalmente destrutiva e *anti-dialética*. A

⁴ Aqui trata-se da utilização do pretérito imperfeito, o *Ser do tempo* como “*era*”. O estar em ato do presente no pretérito imperfeito indica que o “agora” passou, mas que ainda não está finalizado.

⁵ Temos neste momento em mente a utilização do pretérito perfeito, o qual designa que o “agora” existiu e que já está finalizado. Apenas a título de rememoração lembre que o pretérito perfeito tem na 3ª pessoa o modo “foi”.

⁶ É interessante notar como a tematização do problema filosófico do tempo em Hegel assemelha-se ao modo de resolução elaborado por Tomas de Aquino, especialmente no livro *Sobre o Verbo – Comentário do Prólogo de São João*.

mau-infinito é o tempo abstrato das séries temporais, o *tempo progressivo*, tomadas em consideração sem o conhecimento ou a compreensão do tempo contínuo.

Mas em que consiste o tempo contínuo? Poderíamos expressá-lo, com Hegel, como a *totalidade do infinito*, a verdadeira infinitude, na qual o presente se encontra a si mesmo em seu outro, onde o *presente-passado* ou passado concreto é e se mantém como o *agora* ainda *presente*.

O problema do tempo como desenvolvido por Hegel, apresenta duas dimensões de temporalidade, ou duas lógicas temporais da infinitude, a (i) primeira centrada notadamente no mau-infinito ou do tempo natural ou progressivo, abstrato, com sua voracidade destruidora como o *Kronos* grego, (ii) e a segunda com um caráter nitidamente criador onde o tempo apresenta-se, não como a repetição indefinida, mas como o presente que aglutina *em-si* o agora, o porvir e o passado, numa dialética da totalidade dos opostos, numa processualidade sem movimento, contínua, em suam: subjetiva.

É de fundamental importância a compreensão do papel que a negatividade vem desenvolvendo no jogo de determinação das estruturas da temporalidade no discurso hegeliano, pois sem este fator intransponível, Hegel não poderia falar de um *tempo real* na natureza, visto ser esta o espaço por excelência do tempo abstrato do *agora*, do mau-infinito. É a negatividade e seu papel fundamentalmente destruidor e ao mesmo tempo paradoxalmente formativo que permite a Hegel compreender já nos umbrais da natureza o tempo vivo do presente, o espírito como tempo!

O Espírito em Hegel é o vocábulo que designa a subjetividade não mais restrita ao sujeito empírico,

abstratamente concreto.

4 Subjetividade

Defende-se aqui que a subjetividade na compreensão hegeliana é a mediação absoluta que suprassumiu toda a oposição fixa ou reflexiva e que se delimita como: *não-finita, sem-pressuposto* e portadora do estado de ser *livre*. A subjetividade nesta perspectiva é a atividade de se relacionar consigo, ou como posto por Hegel, *referência puramente idêntica sobre si mesmo*.¹ Negatividade temporalizada.

A subjetividade enquanto centrada na universalidade² determina-se como subjetividade da forma ou formal e prefigura a estrutura matriz daquela relação entre as subjetividades que supera e eleva-se em face da mera *referência idêntica a si mesmo*.

Hegel era muito cômico de que a subjetividade só seria capaz de autonomia e autodeterminação em tensão com a pluralidade das subjetividades inscritas numa ordem temporal. Daí que o conceito de subjetividade não é uma categoria³, pois não estabelece uma relação

¹ WL, v.6, p. 272. "Weil der Begriff die Totalität ist, also in seiner Allgemeinheit oder rein identischen Beziehung auf sich selbst wesentlich das Bestimmen und Unterscheiden ist [...]"

² Petra Braitling, Hegels Subjektivitätsbegriff, p.164. Diz-nos que "A universalidade apresenta a autorreferência pura". No original: "Die Allgemeinheit stellt den reinen Selbstbezug dar".

³ Hegel, *Logik für die Mittelklasse* 1808/1809, v.4, § [5/37], p. 86 [Trad.br, 109]. De modo muito intuitivo determinou que o âmbito próprio da realização categorial é aquele no qual o sujeito apreende o objeto como um predicado que lhe é exterior, afirmando que "O entendimento em sentido estrito é o pensar que se atém à determinação estabelecida, à categoria". No original: "Der Verstand im engeren Sinne ist das Denken, welches an der festgesetzten

externa de determinação contra o pensamento, mas é uma totalidade de determinações que se relaciona com o outro como uma outra totalidade de determinações, tal como o tempo com seus modos do vir-a-ser.

Dentro desta afirmação da subjetividade como *conceito* que se refere à todas as relações entre as subjetividades, porque também sujeito idêntico enquanto signo ao referente que designa, é que Hegel afirmara que “O conceito puro ou universal é, porém, também somente um conceito determinado ou particular, que se coloca ao lado e junto dos outros”.⁴

Esta nota do conceito universal de ser o meio pelo qual Hegel re-estrutura a subjetividade como perpassada de modo imediato pela comunidade e talvez, porque não já assumindo a perspectiva de uma suprassubjetividade, deriva do próprio uso da palavra universal.

Em alemão *universal* é *allgemein*, a unidade entre *all* – todos – e *gemein* comum, do qual deriva a palavra comunidade *gemein(d)e*.⁵ Tal raiz etimológica reforça e acentua esta inscrição da subjetividade como reciprocamente marcada pela unidade, mas também pela comunidade, do *eu* que se coloca implicitamente no seio do *nós*, do tempo que superou o espaço, ou melhor, do tempo que negativamente se constituiu como espaço, como *mundo*.

A subjetividade enquanto conceito universal é a

Bestimmung, der Kategorie, hält”. E no conceito toda a exterioridade é produto do *eu*, por isto não categorial.

⁴ WL, v.6, p. 272. “Der reine oder allgemeine Begriff ist aber auch nur ein *bestimmter* oder *besonderer* Begriff, der sich auf die Seite neben die anderen stellt”.

⁵Para a compreensão da totalidade do uso etimológico do *allgemein* é assaz importante a consulta ao verbete **Universal, particular, individual** in *Dicionário Hegel*, do Prof. Michael Inwood, p. 313 e segs, Ed. J. Zahar, 1995.

unidade simples que se coloca imediatamente com os outros,⁶ os quais, estes outros, toma-os como o não-ser, enquanto esses expressam aqueles universais que negam sua universalidade.

Hegel assim coloca o *Das Allgemeine* do conceito enquanto universal

O Universal é com isso a totalidade do conceito, é o concreto, não é um vazio, mas tem pelo contrário através de seu conceito, *conteúdo* – um conteúdo, no qual não apenas se mantém, mas que lhe é próprio e imanente.⁷

Hegel designa o *universal* como a potência livre e compara-o ao amor e a beatitude ilimitada.⁸ O conceito enquanto subjetividade inaugura na história da filosofia um novo marco na compreensão do *sujeito* porque Hegel o compreende como o que é por-si exatamente *porque o é nos outros*, enquanto negatividade que se determina temporalmente.

A universalidade se estrutura como a nota indistinta do conceito enquanto subjetividade pura. O *ser universal* do conceito é tanto o que é comum a todos, como o que é por si. Nesta *tensão* inerente ao universal *de ser forma*, o comum a todos, e *conteúdo*, a capacidade de ser em ato, permite a Hegel unir o imobilismo do *universal puro* ao irrequieto contragolpe [*Gegenstoss*] da oposição do *eu*.

Neste jogo agônico, põe-se a subjetividade como

⁶WL, v.6, p. 274. “[...] was es ist; es ist daher unmittelbar eins mit seinem Anderen, dem *Nichtsein*”.

⁷WL, v.6, p. 276. “Das Allgemeine ist somit die Totalität des Begriffes, es ist Konkretes, ist nicht ein Leeres, sondern hat vielmehr durch seinen Begriff *Inhalt* - einen Inhalt, in dem es sich nicht nur erhält, sondern der ihm eigen und immanent ist”.

⁸WL, v.6, p. 276.

sua própria base e meio estável no seio mesmo daquilo que se determinará não como referência a si, mas como relação a si como a um outro. Por isto, Hegel pode afirmar que a subjetividade enquanto conceito universal através do distinto retorna a si mesmo.⁹

A subjetividade enquanto conceito universal exprime na identidade do que é comum a todos, uma semelhança com o processo do vivo, qual seja: ser a base autônoma e autodeterminante de seu si mesmo e nota fundamental do sujeito ainda sem determinações, mas que já se refere a si porque posto de modo intrassubjetivo.

A subjetividade é o vivente que se constitui com tempo, como negatividade absoluta, como o conceito vivo.

A subjetividade como conceito universal é a totalidade das determinações posta em sua imediatidade, a plenitude em sua forma mais primária, o que é comum a subjetividade enquanto gênero e meio possível de seu realizar-se efetivo.

Hegel apresenta o círculo da subjetividade nos seguintes termos:

O conceito é então, primeiro, a *identidade absoluta consigo* que ele é somente enquanto negação da negação ou enquanto a unidade infinita da negatividade consigo mesma. Esta *referência pura* do conceito a si [*auf sich*], que é por isto esta referência como pondo-se através da negatividade, é a *universalidade* do conceito.¹⁰

⁹WL, v.6, p. 276. “[...]denn es ist ein Verhalten seiner zu dem *Unterschiedenen* nur als *zu sich selbst*; in demselben ist es zu sich selbst zurückgekehrt”.

¹⁰WL, v.6, p. 273-274. “Der Begriff ist daher zuerst so die *absolute Identität mit sich*, daß sie dies nur ist als die Negation der Negation oder als die unendliche Einheit der Negativität mit sich selbst. Diese *reine Beziehung* des Begriffs auf 20 • Ágora Filosófica, Recife, v. 19, n. 2, p. 5-24, mai./ago., 2019

Fica claro que as mesmas determinantes estruturais do tempo, a exemplo da negatividade estão contidas na subjetividade ou melhor o tempo é a expressão abstrata da subjetividade, e esta, a subjetividade é o tempo vivo.

5 Conclusão

Parece-nos que Hegel promove uma reviravolta na compreensão do tempo ao não mais subordinar o tempo à eternidade e ao conceitá-lo à negatividade e à subjetividade.

A eternidade é que enquanto outro do tempo se subordina à forma concreta do tempo. A eternidade é a unidade de totalidade e negatividade, ou, do tempo abstrato e do tempo real, enquanto este – o tempo real – expressa o tempo em sua verdade fundamental que é ser tempo subjetivo.

Por isto Hegel afirma em Enz § 258 ad., “[...] Mas o próprio tempo é, em seu conceito, eterno; pois, ele não qualquer tempo, nem o agora, mas o tempo-enquanto-tempo é seu conceito; este mesmo porém, como cada conceito em geral, [é] o eterno, e por isso também [é] presente absoluto”.

Esse ser presente absoluto só o é capaz por ser subjetividade, sujeito que é ser e tempo, ou, como posto por Hegel na Enz § 259 ad. “O verdadeiro presente é assim a eternidade”. A nós parece que se reforça a tese de que a subjetividade como o tempo, significa fundamentalmente esta reconciliação do inteligível por sua inteligibilidade, ou

sich, welche dadurch diese Beziehung ist, als durch die Negativität sich setzend, ist die *Allgemeinheit des Begriffs*”.

expondo de modo diverso a tarefa do Espírito, *traduzindo o tempo em conceitos*.

Christophe Bouton (2007, p.172) nos afirma que “o tempo não é nem um não-ser, nem um ser, ele é a passagem contínua e recíproca de um no outro e do ser no nada e do nada no ser. E é esta dupla passagem que nomeia a negatividade do tempo. O passado é o ser em sua passagem face ao não-ser, e o futuro é o não-ser em sua passagem face ao ser”.

Importa por fim ressaltar o aspecto destrutivo excessivamente constitutivo da negatividade lógica ao estágio temporal, a qual segundo Hegel impõe a destruição das determinações kantianas do tempo.⁷

Espera-se que após estes esclarecimentos tenhamos atingido nosso desiderato de iluminar a compreensão filosófica do tempo em Hegel a luz da categoria lógica da negatividade e do conceito de subjetividade, para demonstrando a irrealidade do tempo abstrato ou natural, podermos seguramente afirmar a verdade do tempo real ou concreto, onde o presente desenvolve-se como a mediação do espírito consigo mesmo, ou seja, como subjetividade.

Referências

AQUINO, Sto. Tomás. **Sobre o Verbo: Comentário ao Prólogo do Evangelho de São João**. Pamplona: EUNSA, 2007.

APPEL, Kurt. **Tempo e Dio**. Aperture contemporanee a partire da Hegel e Schelling. Traduttore: Pierangelo Sequeri, Mattia Coser. Editore: Queriniana, 2018

⁷ Kant compreende o tempo como uma intuição sensível *a priori* que se constitui de; simultaneidade, sucessão e permanência.

BOUTON, Christophe. **Temps et esprit dans la philosophie de Hegel: De Francfort à Iéna.** Paris:VRIN, 2000.

BOUTON, Christophe. **Hegel et le problème du Temps.** In Le Temps. Org. Alexander Schell. Vrin, « Thema ». (p. 159-179), 2007.

BOUTON, Christophe. **Zeit und Negativität bei Hegel,** Wiener Jahrbuch für Philosophie, Band XXXVII / 2005, p. 79-93.

BRAUER, Daniel. **Dialektik der Zeit:** Untersuchungen zu Hegels Metaphysik der Weltgeschichte. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1982.

CORETH, Emerich S.J. **Das dialektische Sein in Hegels Logik.** Wien: Verlag Herder, 1952.

HEGEL, G.W.F. **Werke in 20 Bänden** / Suhrkamp Verlag 1970, CD-ROM, versão 2.0.

HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas.** Trad. De Paulo Meneses SJ, V. I e II. São Paulo: Loyola, 2005.

HÖSLE, Vittorio. **O Sistema de Hegel.** Trad. Antonio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

MORANI, Roberto. **Hegel. Tempo, soggetto, negatività, dialettica.** Editore: Orthotes, Collana: Germanica, 2019.

RUGGIU, Luigi. **Lo spirito è tempo. Saggi su Hegel.** Editora Mimesis, 2013.

Danilo Vaz-Curado R. M. Costa

Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente exerce a função de Diretor do Centro de Teologia e a Ciências Humanas.

E-mail: danilo.costa@unicap.br

Miguel Angel Rossi

Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular na Universidad de Buenos Aires, professor titular pesquisador do Instituto Gino Germani e pesquisador permanente no Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.
E-mail: mrossi@lorien-sistemas.com

Submetido: 16/06/2019

Aprovado: 20/08/2019

*A presente pesquisa contou com suporte financeiro da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado e Pernam-buco/FACEPE, através do processo n. APQ 0132-7.01/14 PPP/FACEPE/CNPQ, e com suporte financeiro oriundo do Fondo para la Investigacion Cientifica y Tecnologica, Projectos de Investigación Científica y Tecnológica, PICT n. 2844.